

VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO E SUSTENTABILIDADE II

LIVIA GAIGHER BOSIO CAMPELLO

MAGNO FEDERICI GOMES

DANILO HENRIQUE NUNES

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Educação Jurídica

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - PR

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - SP

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - MS

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Comissão Especial

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UFRJ - RJ

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - PB

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - MG

Prof. Dr. Rogério Borba - UNIFACVEST - SC

D597

Direito e sustentabilidade II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Danilo Henrique Nunes; Livia Gaigher Bosio Campello; Magno Federici Gomes. – Florianópolis: CONPEDI, 2025.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5274-176-9

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Direito Governança e Políticas de Inclusão

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Sustentabilidade. VIII Encontro Virtual do CONPEDI (2; 2025; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO E SUSTENTABILIDADE II

Apresentação

Este livro integra os anais do VIII Encontro Virtual do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (CONPEDI), que aconteceu de 24 a 28 de junho de 2025, em formato 100% on-line, com a participação de congressistas da área jurídica de diversos Estados brasileiros, do Distrito Federal e do exterior. Reúne os artigos aprovados e apresentados no Grupo de Trabalho (GT) DIREITO E SUSTENTABILIDADE II do encontro que teve como tema DIREITO, GOVERNANÇA E POLÍTICAS DE INCLUSÃO, justamente por democratizar o acesso à pesquisa qualificada por meio da tecnologia da informação, reduzindo as desigualdades acadêmicas, promovendo e ampliando a integração nacional e internacional da pesquisa em Direito.

O Grupo de Trabalho (GT) DIREITO E SUSTENTABILIDADE II foi coordenado pelos Professores Doutores Livia Gaigher Bosio Campello, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Magno Federici Gomes, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e Danilo Henrique Nunes, do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto/SP e do Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto/SP.

De modo conjunto, a coordenação do Grupo de Trabalho elaborou a redação desta apresentação em colaboração com a organização do CONPEDI e em atendimento à missão do fomento da pesquisa qualificada em Direito, na temática da sustentabilidade, em consonância com as propostas de democratização da pesquisa do encontro e também das diretrizes contemporâneas sobre o tema sustentabilidade, incluindo as metas da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A indiscutível contribuição de cada pesquisador e pesquisadora por meio dos artigos apresentados tocou em pontos cruciais e de como a sustentabilidade pode contribuir para a redução das desigualdades sociais, culturais e de gênero, além da erradicação da pobreza, da promoção da saúde, do bem-estar e da paz social, da ação global contra as mudanças climáticas, promovendo debates técnicos e especializados sobre o futuro das nações.

Nos textos, o(a) leitor(a) ou pesquisador(a), encontrará trabalhos que representam conhecimento aprofundado sobre Direito e Sustentabilidade e suas correlações com a

proteção ambiental, as políticas públicas de sustentabilidade que podem ser instrumentalizadas por meio da educação, do trabalho, da conservação do patrimônio hídrico e do consumo responsável.

A coordenação organizou as apresentações em três blocos, tendo como critério as temáticas dos trabalhos com a finalidade de direcionar os debates e qualificar as discussões, sem a pretensão de esgotar cada assunto. Assim, em ordem de apresentação, no primeiro bloco com foco em SUSTENTABILIDADE E PROTEÇÃO AMBIENTAL, seguido de debates, foram apresentados os trabalhos: ENTRE O SER E O FUTURO: A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS COMO FUNDAMENTO PARA A SUSTENTABILIDADE JURÍDICA E AMBIENTAL, de autoria de Fabiane Pimenta Sampaio, Olívia da Paz Viana e Caio Augusto Souza Lara; PROPRIEDADE PRIVADA E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE DA TRAGÉDIA DOS COMUNS E DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL, tendo como autores Arthur Faria Silva e Ana Lúcia Ribeiro Ramos; A NECESSIDADE DE INTRODUÇÃO DO ECOCÍDIO NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO DIREITO INTERNACIONAL, de Marcos Felipe de Assis Ribeiro e Gabriela Soldano Garcez; APOCALIPSE DO SUPÉRFLUO: A LUXÚRIA QUE SUICIDA O MEIO AMBIENTE, com assinatura de Fabrício Augusto da Silva Martins e José Antônio de Freitas; UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS LEIS ORGÂNICAS MUNICIPAIS DAS CIDADES DE BONITO (PE) E VISCONDE DO RIO BRANCO (MG), de Beatriz Souza Costa, Chayene Nayara Braga Leite e Geandre Oliveira da Silveira; OS DESAFIOS JURÍDICOS DA PROTEÇÃO AMBIENTAL DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE PRESENTES EM MANAUS, de Amanda Nicole Aguiar de Oliveira; e, por fim, A PEC DAS PRAIAS NO AMAZONAS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS TERRENOS DE MARINHA NA PERSPECTIVA AMAZÔNICA, de Paulo Gabriel Gil Batista Melgueiro, Tainá de Andrade Santos e Larissa Gabrieli dos Santos Munhoz.

Já o segundo eixo, teve como enfoque SUSTENTABILIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL e foram apresentados os seguintes trabalhos: POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DA ÉTICA DA SUSTENTABILIDADE: DA RESPONSABILIZAÇÃO À PREVENÇÃO DE DANOS AO MEIO AMBIENTE, de Eder Marques de Azevedo e Leticia Caroline Cardoso Trezza; em seguida, A APLICABILIDADE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO MÉTODO CONVENIENTE PARA ASSEVERAR A EFICIÊNCIA E GARANTIA DA SAÚDE HUMANA, de Tuani Josefa Wichinheski, Wilian Lopes Rodrigues e Maria Eduarda Granel Copetti; e, na sequência, finalizando o bloco, o trabalho EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE ESCOLAR: LIMITES JURÍDICOS E INVESTIMENTOS

PÚBLICOS NA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS, Chayene Nayara Braga Leite, Cristina Ferreira Lemos e Caio Augusto Souza Lara.

No terceiro bloco foram agregadas as pesquisa com temáticas sobre SUSTENTABILIDADE, GOVERNANÇA PARTICIPATIVA E MUDANÇA CLIMÁTICA, tendo sido apresentados os seguintes trabalhos: SOMOS TODOS FOFOQUEIROS: FOFOCA, EVOLUÇÃO, SUSTENTABILIDADE E DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, de Fabrício Augusto da Silva Martins; A CONVERGÊNCIA NORMATIVA NO PROJETO DE LEI Nº 2334 /2024 E AS CONSULTAS PRÉVIAS ÀS COMUNIDADES LOCAIS COMO ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO DO BIOMA PANTANAL, de Flavio Lucio Santos, Sabrina Vitória Souza Duarte e Deilton Ribeiro Brasil; A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS: UM OLHAR PARA O CONSELHO NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS (CNRH), de Mariana Dias Villas Boas; A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO NA POLÍTICA PÚBLICA DE GOVERNANÇA DE RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, de Bianca da Silva Pepe; ACORDOS INTERNACIONAIS E GOVERNANÇA DO CLIMA: O PAPEL DOS CRÉDITOS DE CARBONO NOS COMPROMISSOS CLIMÁTICOS GLOBAIS, de Ana Lúcia Ribeiro Ramos, Flavio Lucio Santos e Deilton Ribeiro Brasil; FEDERALISMO CLIMÁTICO: A NECESSÁRIA INTEGRAÇÃO DOS ENTES FEDERATIVOS PARA FORMAÇÃO DE AGENDA ESTRATÉGICA DE PAGAMENTO POR SERVIÇOS CLIMÁTICOS, de Danilo Henrique Nunes, Lucas de Souza Lehfeld e Guilherme Loria Leoni; DIREITO À GEOINFORMAÇÃO E COMENTÁRIOS À ADPF N º743/DF, de Danilo Henrique Nunes; e, ao final do bloco, EM CLIMA DE DISPUTA: CONFLITOS ECOLÓGICOS DISTRIBUTIVOS E A LUTA POR JUSTIÇA CLIMÁTICA NO BRASIL, de Juliana Cristina Vasconcelos Maia, Thaís Campos Gomes e João Daniel Macedo Sá.

No quarto e último eixo, foram concentrados os trabalhos com a temática SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO, sendo apresentadas as pesquisas: FILOSOFIA ECOLÓGICA, IA E ECO-TECNOLOGIAS: UM PARADIGMA SUSTENTÁVEL NA ERA PÓS-HUMANA, de Flávio Ribeiro Furtunato e Jardel de Paula Pereira; TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS E ESTUDO DE CASO DA EMGERPI NO ESTADO DO PIAUÍ, de Débora Gomes Galvão; e, ao final, ENERGIAS RENOVÁVEIS FACE À SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E TRANSGERACIONAL, de Monique Maria de Oliveira Dall’Acua, Rodrigo Toledo da Silva Rodrigues e Talissa Truccolo Reato.

Como conclusão, a Coordenação sintetizou os trabalhos do grupo, discutiu temas conexos e sugeriu novos estudos, a partir da leitura atenta dos artigos aqui apresentados, para que novas respostas possam ser apresentadas para os problemas que se multiplicam nesta sociedade de risco líquida.

A finalidade deste livro é demonstrar os estudos, debates conceituais e ensaios teóricos voltados ao Direito e à Sustentabilidade, no qual a transdisciplinaridade, em suas várias linhas de pesquisa, serão empregadas para expor os temas e seus respectivos problemas. Objetiva-se, ademais, ampliar as reflexões e discussões sobre a pesquisa realizada sob diversos posicionamentos, posto que as investigações não se encontram totalmente acabadas.

Na oportunidade, os Coordenadores agradecem a todos que contribuíram a esta excelente iniciativa do CONPEDI, principalmente aos autores dos trabalhos que compõem esta coletânea de textos, tanto pela seriedade, quanto pelo comprometimento demonstrado nas investigações realizadas e na redação de trabalhos de ótimo nível.

Gostaríamos que a leitura dos trabalhos aqui apresentados possa reproduzir, ainda que em parte, a riqueza e satisfação que foi para nós coordenar este Grupo, momento singular de aprendizado sobre os temas discutidos.

Os artigos, ora publicados, pretendem fomentar a investigação transdisciplinar entre o Direito e a Sustentabilidade, em todas as suas vertentes. Assim, convida-se o leitor a uma leitura atenta desta obra.

Em 09 de julho de 2025.

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS): liviagaigher@gmail.com

Prof. Dr. Magno Federici Gomes - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): magnofederici@gmail.com

Prof. Dr. Danilo Henrique Nunes - Centro Universitário Estácio-Ribeirão Preto/SP e Centro Universitário Barão de Mauá-Ribeirão Preto/SP: dhnunes@hotmail.com

SOMOS TODOS FOFOQUEIROS: FOFOCA, EVOLUÇÃO, SUSTENTABILIDADE E DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

WE ARE ALL GOSSIPERS: GOSSIP, EVOLUTION, SUSTAINABILITY, AND ENVIRONMENTAL DEGRADATION

Fabício Augusto Da Silva Martins ¹

Resumo

Este artigo explora a fofoca como uma ferramenta evolutiva e seu impacto nas interações sociais, na sustentabilidade e na degradação ambiental. A análise aborda como a fofoca, tradicionalmente percebida de maneira negativa, exerceu um papel vital na coesão comunitária dos Homo sapiens, favorecendo a formação de vínculos e a colaboração dentro dos grupos. Além disso, destaca o papel da fofoca na disseminação de descobertas científicas e como ela pode ser utilizada para promover práticas sustentáveis e influenciar a formação de políticas públicas ambientais. Por outro lado, o artigo também aborda os efeitos negativos da fofoca, como a disseminação de desinformação e a complacência em relação à degradação ambiental. Por fim, são apresentadas propostas de como a fofoca pode ser estrategicamente direcionada para fomentar a sustentabilidade e a criação de legislação ambiental. Conclui-se que a fofoca, longe de ser apenas uma prática prejudicial, possui um potencial significativo para promover mudanças sociais positivas, especialmente em contextos de sustentabilidade.

Palavras-chave: Fofoca, Evolução, Sustentabilidade, Degradação ambiental, Políticas públicas

Abstract/Resumen/Résumé

This article explores gossiping as an evolutionary tool and its impact on social interactions, sustainability, and environmental degradation. The analysis addresses how gossiping, traditionally perceived negatively, played a vital role in the communal cohesion of Homo sapiens, fostering the formation of bonds and collaboration within groups. Additionally, it highlights the role of gossip in disseminating scientific discoveries and how it can be used to promote sustainable practices and influence the formation of public environmental policies. On the other hand, the article also discusses the negative effects of gossiping, such as the spread of misinformation and complacency regarding environmental degradation. Finally, proposals are presented on how gossiping can be strategically directed to foster sustainability and the creation of environmental legislation. The article concludes that gossiping, far from being merely a harmful practice, has significant potential to promote positive social changes, particularly in the context of sustainability.

¹ Advogado. Doutorando em Direito (UniCeub) e mestre em Políticas Públicas (FGV). Especialista em Direito Público, Empresarial, Previdenciário, Tributário, do Trabalho e MBA em Acidente de Trabalho.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Gossiping, Evolution, Sustainability, Environmental degradation, Public policies

1. Introdução

A fofoca, frequentemente associada a conotações negativas, é um fenômeno social universal que permeia todas as culturas e tem sido uma característica basilar na evolução das interações humanas. Desde o início dos tempos, a fofoca tem sido fundamental na formação de relações sociais, na modulação de comportamentos e na preservação de regras comunitárias (Wellman; Lind, 2021). No entanto, além de seu papel evolutivo, a fofoca tem implicações significativas no contexto contemporâneo, especialmente em relação à sustentabilidade e à degradação ambiental. Este artigo explora como a fofoca, longe de ser apenas uma prática trivial, pode ser uma ferramenta poderosa tanto para promover comportamentos sustentáveis quanto para perpetuar a degradação ambiental.

Pesquisas anteriores, como as de Harari (2017), Elias (1994) e Gaglietti (2019), destacam a importância da fofoca na evolução humana e na coesão social dos *Homo sapiens*. Harari (2017) argumenta que a fofoca foi essencial para o desenvolvimento de grandes grupos sociais, enquanto Elias (1994) a vê como um mecanismo de controle social que regula comportamentos e reforça normas comunitárias. No contexto da sustentabilidade, estudos mostram que a fofoca pode ser tanto uma força para o bem, disseminando práticas ecológicas e mobilizando comunidades, quanto um meio de perpetuar desinformação e complacência, prejudicando os esforços de conservação ambiental (Wanderley, 2015; Greenpeace Brasil, 2022).

A fofoca afeta os indivíduos e as comunidades em diferentes dimensões, abrangendo impactos psicológicos, sociais e econômicos. No nível individual, a fofoca pode influenciar a vivência psíquica de uma pessoa, gerando ansiedade e insegurança ao ser alvo de rumores, ou, por outro lado, promovendo sentimentos de inclusão quando se participa da troca de informações. Esse fenômeno também afeta a reputação familiar e social, pois a circulação de informações molda a imagem pública não só do indivíduo, mas também de seu núcleo familiar, especialmente em comunidades menores e interconectadas (Wellman; Lind, 2021). Além disso, a fofoca pode expandir ou reduzir espaços de negociação interpessoal ou política, ampliando o poder de influência de quem goza de uma boa reputação, ou, ao contrário, prejudicando as oportunidades de diálogo para aqueles que sofrem com rumores negativos (Elias, 1994).

Em termos mais amplos, a fofoca também tem efeitos financeiros. Empresas e indivíduos que mantêm uma boa imagem social, muitas vezes sustentada por fofocas favoráveis, podem ganhar credibilidade no mercado, atraindo parcerias comerciais e oportunidades de negócios. Por outro lado, rumores desfavoráveis podem levar à perda de confiança e investimentos, afetando diretamente os ganhos financeiros de uma pessoa ou

empresa. Assim, as fofocas funcionam como um mecanismo informal de controle social e econômico, exercendo um papel relevante tanto no nível pessoal quanto no comunitário (Wellman; Lind, 2021). Compreender essas dimensões é fundamental para explorar o impacto da fofoca em questões como sustentabilidade e degradação ambiental, temas que serão abordados ao longo deste estudo.

Este trabalho se propõe a investigar a dualidade da fofoca no contexto da sustentabilidade. A hipótese central sugere que a fofoca pode promover práticas sustentáveis e influenciar políticas públicas ambientais; no entanto, também pode contribuir para a degradação ambiental, disseminando desinformação e gerando complacência. O objetivo geral é explorar a fofoca na evolução social e científica. Os objetivos específicos incluem: (1) analisar o uso da fofoca para promover a sustentabilidade; (2) identificar seus impactos negativos ambientais; e (3) propor estratégias para sua aplicação construtiva em políticas públicas ambientais.

A importância comunitária deste estudo reside na sua capacidade de iluminar um fenômeno diário subestimado, que tem um impacto profundo nas dinâmicas comunitárias e ambientais. O tema é original na medida em que explora a fofoca sob uma nova perspectiva, destacando seu potencial como ferramenta para a promoção da sustentabilidade. A pesquisa avança o conhecimento existente ao investigar as maneiras pelas quais a fofoca pode ser estrategicamente direcionada para influenciar de maneira positiva o comportamento social e a formulação de políticas ambientais.

O estudo utilizou uma abordagem qualitativa, analisando a literatura existente sobre a fofoca no contexto evolutivo e contemporâneo. Foram conduzidas análises críticas das teorias propostas por autores-chave, além de uma revisão de casos nos quais a fofoca desempenhou um papel na mobilização social e na promoção ou detrimento de práticas sustentáveis. A metodologia permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais influenciadas pela fofoca, bem como das suas implicações à sustentabilidade.

Para além da introdução, o artigo está organizado em outras seis seções. A primeira explora a importância da fofoca na evolução dos *Homo sapiens* e sua influência na coesão social; a segunda discute como a fofoca contribuiu para a disseminação de descobertas científicas importantes; a terceira analisa o papel da fofoca na promoção de comportamentos sustentáveis; a quarta aborda os impactos negativos da fofoca no contexto ambiental; a quinta apresenta estratégias para canalizar a fofoca de maneira construtiva; e, finalmente, a seção conclusiva, que sintetiza os principais achados do estudo e sugere direções para futuras pesquisas sobre o tema.

2. A fofoca como ferramenta evolutiva

Ao depararmos com o termo “fofoca”, somos frequentemente inclinados a fazer uma avaliação negativa, associando-o a uma expressão pejorativa. Geralmente, a fofoca é vista como um comportamento indesejável, caracterizado pela disseminação de informações, muitas vezes inverídicas ou maliciosas, sobre outras pessoas. Essa percepção negativa tende a estigmatizar aqueles que participam dessa prática, rotulando-os como responsáveis por criar divisões e conflitos sociais. Entretanto, raramente a consideramos como um mecanismo evolutivo e uma ferramenta importante para o desenvolvimento social e a interação entre indivíduos. Embora muitas vezes percebida negativamente, a fofoca é vital para a coesão social, pois promove a troca de informações e modera comportamentos em um grupo. Portanto, ela auxilia na preservação das normas sociais e no reforço dos laços comunitários, demonstrando ser um elemento crucial na evolução das interações humanas (Wellman, 2021, Wellman & Lind, 2021).

Surpreendentemente, a fofoca teve um papel essencial na evolução humana, sendo vital para o desenvolvimento social e a comunicação entre os *Homo sapiens*. Ela emergiu da necessidade de trocar informações sobre os integrantes do grupo, sobretudo identificando quem era confiável e quem eram os enganadores. Essa capacidade de transmitir informações sociais permitiu que os *sapiens* formassem grupos maiores e mais coesos, ampliando a cooperação e garantindo seu sucesso como espécie (Harari, 2017).

Segundo Harari (2017), a fofoca foi uma ferramenta essencial que permitiu aos *Homo sapiens* se organizarem em grupos maiores, reforçando a cooperação e a sobrevivência. Essa capacidade de compartilhar informações sobre a confiabilidade ou desonestidade dos membros do grupo foi vital para que os *sapiens* desenvolvessem uma coesão social mais forte. Um exemplo prático dessa teoria pode ser imaginado entre os primeiros *sapiens*: “você ouviu o que estão dizendo? Aquele grupo ao norte tem escondido alimentos e não quer compartilhar com ninguém. Dizem que estão planejando tomar as melhores terras para si. Será que podemos confiar neles?”. Comentários como esse não apenas espalhavam desconfiança, mas também alertavam o grupo sobre potenciais ameaças, moldando estratégias de sobrevivência. Assim, a fofoca funcionava como um sistema de controle social, influenciando diretamente as decisões de cooperação e confiança dentro do grupo.¹

¹ Este exemplo é puramente hipotético e utilizado para fins ilustrativos, com o intuito de facilitar a compreensão de como a comunicação primitiva entre os *Homo sapiens* poderia ter funcionado. Não há registros históricos ou evidências concretas de que um episódio com esses exatos contornos tenha ocorrido. Trata-se de uma construção ficcional baseada em teorias sobre a evolução da comunicação e da coesão social entre os primeiros *sapiens*, como mencionado por Harari (2017, p. 30) no trecho: “Após a Revolução Cognitiva, a fofoca ajudou

Esses exemplos metafóricos ajudam a entender como a fofoca pode ter funcionado como um mecanismo social entre os primeiros *Homo sapiens*, ainda que a linguagem estivesse em desenvolvimento. Mesmo em seus estágios iniciais, os *sapiens* usavam as formas rudimentares de comunicação para compartilhar informações críticas sobre seus pares. Portanto, a necessidade de comunicar quem era confiável ou perigoso era essencial para a organização social e cooperação grupal.

Essa prática foi crucial para a sobrevivência dos *sapiens*, permitindo-lhes superar outras espécies humanas, como os neandertais. Até hoje, a fofoca continua a ser uma parte essencial da comunicação humana, ajudando a manter redes sociais coesas e funcionais. Logo, ela desempenhou (e ainda desempenha) um papel importante na organização social (Harari, 2017). Adicionalmente, a fofoca resgata histórias sobre eventos e pessoas, frequentemente retratando comportamentos inusitados ou excêntricos. Pode-se conjecturar que, em algum momento, rumores como “você ouviu falar que Pedro Álvares Cabral trouxe riquezas misteriosas de suas viagens?” pudessem circular, despertando questionamentos sobre a autenticidade desses contos. Alguns até questionam se essas histórias são verdadeiras ou apenas invenções para aumentar sua fama. Dependendo de como essa informação é contada e recebida, pode gerar curiosidade, desconfiança ou até mesmo julgamento, levantando questões sobre a autenticidade da história e a verdadeira natureza dos eventos narrados (Campello, 2022).

Ouvimos uma fofoca intrigante: “quem descobriu o Brasil, na realidade, foi Colombo, não Pedro Álvares Cabral”. Comentários como esse, apesar de historicamente imprecisos, circulam, suscitando questionamentos e gerando debates sobre a veracidade dos fatos. Essa é a natureza da fofoca, que muitas vezes mistura verdades, meias-verdades e especulações, despertando o interesse das pessoas e questionando as narrativas amplamente aceitas.²

Conforme Elias (1994), a fofoca atua como um poderoso mecanismo de controle social, sendo usada para moldar percepções e reforçar comportamentos dentro de uma comunidade. Ao disseminar histórias, sejam elas sobre comportamentos comuns ou figuras proeminentes, a fofoca afeta como os indivíduos são percebidos pela sociedade. No tempo de Jesus, por exemplo, podemos imaginar comentários circulando rapidamente: “você ouviu que Jesus curou um cego apenas com o toque de suas mãos? Alguns dizem que ele tem poderes

o *Homo sapiens* a formar bandos maiores e mais estáveis [...]. A maioria das pessoas não consegue nem conhecer intimamente, nem fofocar efetivamente sobre mais de 150 seres humanos”.

² Este exemplo que se refere a Pedro Álvares Cabral, assim como o anterior, é inteiramente hipotético e foi utilizado para ilustrar como informações ou rumores podem se propagar ao longo da história. Embora seja comum encontrarmos exageros ou desconfianças em relatos históricos, este exemplo específico é uma construção ficcional destinada exclusivamente a fins ilustrativos e explicativos.

divinos, mas outros acham que isso é apenas boato”. Esse tipo de relato, típico de uma fofoca, tanto exalta quanto questiona as ações de Jesus, afetando a maneira como ele era visto pela sociedade e espalhando sua fama, o que reforça o papel da fofoca como um meio eficaz de modelar reputações e normas sociais.³

Inquestionavelmente, a fofoca emergiu como uma ferramenta evolutiva essencial para os *Homo sapiens*, desempenhando um papel central na organização e na coesão social. Ela permitiu que nossos ancestrais compartilhassem informações valiosas sobre a confiabilidade e o comportamento de outros membros do grupo, facilitando a formação de laços sociais e a cooperação em grupos maiores. Essa capacidade de transmissão de conhecimento social foi determinante para o sucesso dos *sapiens* em relação a outras espécies humanas arcaicas, contribuindo para a construção de sociedades complexas (Harari, 2017).

Embora muitas vezes vista de forma negativa, a fofoca desempenhou um papel essencial na sobrevivência e ascensão dos *Homo sapiens* ao longo da evolução, pois trata-se de uma habilidade adaptativa crucial para o desenvolvimento humano. A relação entre a fofoca e a evolução humana é evidente, especialmente no que se refere à socialização e à cooperação entre os *Homo sapiens*. A fofoca ajudou na construção de laços sociais e na criação de estruturas complexas de cooperação. Ela não apenas facilitou a coesão social, como também unificou as pessoas em torno de interesses e histórias comuns (Wellman; Lind, 2021).

Ao criar uma sensação de domínio e controle sobre a vida alheia, a fofoca permitiu que os *sapiens* influenciassem o comportamento social e mantivessem o grupo coeso. Por isso, é um fenômeno social presente em todas as culturas e historicamente associado à evolução da linguagem e à capacidade dos *sapiens* de cooperar para alcançar objetivos comuns (Gajlietti, 2019). Trata-se, portanto, de um componente que ajudou os *Homo sapiens* a desenvolver sociedades complexas e sistemas de cooperação fundamentais para seu sucesso ao longo da história.

A fofoca, conforme analisada por Norbert Elias (1994), atua como um mecanismo de controle social que desempenha um papel importante na manutenção das normas dentro de uma comunidade. No processo civilizatório, os grupos sociais desenvolveram maneiras de regular o comportamento dos indivíduos, e a fofoca emergiu como uma dessas ferramentas de vigilância e controle.

³ Este exemplo é construído com base nos relatos bíblicos sobre os milagres de Jesus, como a cura do cego em João 9:1-12. Embora esse tipo de fofoca não seja registrado historicamente, é plausível supor que tais eventos tenham gerado discussões e debates sobre a veracidade das ações de Jesus entre a população da época.

Ao disseminar informações sobre o comportamento de outros membros da comunidade, a fofoca serve para reforçar as expectativas sociais e punir desvios de conduta. Por meio do medo de ser alvo de fofoca, as pessoas ajustam seus comportamentos para evitar a desaprovação social, internalizando as normas e os valores do grupo. Dessa forma, o autocontrole e a conformidade são impostos não apenas por regras formais, mas também pela pressão social gerada pela fofoca (Elias, 1994).

Além disso, a fofoca não se limita a ser uma mera troca de informações triviais; ela é um instrumento poderoso para a construção de hierarquias sociais e a definição de padrões de comportamento. Ao disseminar rumores, os indivíduos não apenas comentam sobre os outros, mas também reforçam os limites do que é considerado aceitável dentro da comunidade. Essa dinâmica ajuda a preservar a coesão social, uma vez que o medo da exclusão e da desaprovação incentiva os indivíduos a seguirem as normas estabelecidas. Portanto, a fofoca se torna um modo de regulação social informal que, aliado a outras formas de controle, contribui para a estabilidade e a continuidade das práticas sociais e culturais em uma sociedade (Elias, 1994).

Independentemente da visão negativa ou positiva sobre o termo, a fofoca sempre atuou como um motor para a evolução humana, desde os *sapiens* até as sociedades atuais. Tanto em comunidades humanas antigas quanto em famílias modernas, a fofoca tem sido um meio de compartilhar informações e incentivar o progresso. Imagine, por exemplo, uma família sentada ao redor de uma fogueira no interior, conversando e comentando sobre a vida do filho de um vizinho que acabou de passar no curso de medicina. Essa conversa, embora informal, pode inspirar outros membros da comunidade a buscarem a educação como meio de evolução e progresso pessoal. Assim, a fofoca continua a influenciar comportamentos e decisões, impulsionando o desenvolvimento dentro das sociedades.

Em outro caso hipotético, cogitemos, em uma roda de amigos, discutir a vida de um conhecido que recentemente foi aprovado em um concurso público. Durante a conversa, alguém menciona como ele se dedicou aos estudos e os benefícios que agora desfruta, como estabilidade financeira e prestígio social. Essa fofoca, embora possa parecer trivial, pode motivar outros a se dedicarem mais aos estudos e a tentarem a mesma trajetória. Dessa forma, a fofoca não apenas compartilha informações, mas também serve como um incentivo para que outros busquem evoluir, mostrando como ela continua a desempenhar um papel importante no desenvolvimento das pessoas e da sociedade.

Em conclusão, a fofoca, apesar de sua conotação frequentemente pejorativa, desempenha um papel essencial na evolução e na estruturação das sociedades humanas. Segundo autores como Yuval Noah Harari (2017), Norbert Elias (1994) e Mauro Gaglietti

(2019), a fofoca é mais do que uma mera troca de informações triviais, sendo uma ferramenta crucial na evolução, promovendo a coesão social, regulando comportamentos e mantendo normas e valores grupais. Ao facilitar a comunicação e a cooperação entre os *Homo sapiens*, a fofoca ajudou a construir sociedades mais organizadas e eficazes. Assim, em vez de ser vista apenas como uma prática negativa, a fofoca deve ser reconhecida por sua profunda influência no desenvolvimento humano e na sustentabilidade das interações sociais ao longo da história.

3. A fofoca na evolução científica

A “fofoca acadêmica” desempenhou um papel relevante na disseminação e eventual aceitação de algumas das mais importantes descobertas científicas da história.⁴ No contexto da vida e obra de Albert Einstein, a “fofoca” pode ser vista em dois níveis: como um fenômeno social que afetou sua carreira e reputação, e como uma dinâmica informal de disseminação de ideias científicas. Primeiramente, Einstein estava frequentemente sob os holofotes da opinião pública, especialmente após a publicação de sua Teoria da Relatividade. A “fofoca” em torno de sua vida pessoal e suas crenças científicas, amplamente discutidas e especuladas pela mídia e outros cientistas, influenciou a percepção pública e acadêmica sobre ele. De fato, as controvérsias em torno de seu trabalho, como a relutância de alguns cientistas em aceitar suas teorias no início, se espalharam pela comunidade científica e além, muitas vezes de maneira informal e especulativa. Isso ilustra como a fofoca acadêmica – entendida aqui como a difusão de informações não oficiais ou comentários sobre alguém – pode moldar a trajetória de um cientista e seu trabalho (Isaacson, 2007).

No que diz respeito à disseminação de ideias, a fofoca no meio acadêmico também teve um papel importante. Antes de suas ideias serem formalmente publicadas, Einstein compartilhou aspectos de sua Teoria da Relatividade com colegas em conferências e encontros privados, fomentando discussões informais que ajudaram a refinar suas ideias. Essa troca de informações não estruturada é uma forma de “fofoca científica”, em que ideias e descobertas são discutidas antes da formalização oficial em artigos revisados por pares. Esse processo, que poderia ser visto como um tipo de “fofoca construtiva”, facilitou o avanço das suas descobertas, pois outros cientistas puderam questionar, revisar e, eventualmente, apoiar suas ideias (Isaacson, 2007).

⁴ A expressão “fofoca acadêmica” é utilizada de forma metafórica para descrever a troca informal de informações entre cientistas. Embora esse termo não seja utilizado formalmente na literatura científica, ele reflete o papel das discussões informais na disseminação de novas ideias, como foi o caso da Teoria da Relatividade de Einstein e da descoberta da estrutura do DNA por Watson e Crick.

A “fofoca” não apenas moldou a trajetória científica de Albert Einstein, mas também contribuiu para elevá-lo ao *status* de uma figura mundialmente conhecida. A constante discussão em torno de sua vida pessoal, suas crenças e, principalmente, suas teorias científicas o transformaram em um ícone além dos limites acadêmicos. As especulações e os debates em círculos informais, tanto na comunidade científica quanto na mídia, criaram uma aura de fascínio em torno de sua pessoa. Ao longo dos anos, essa atenção pública e a forma como suas ideias foram disseminadas o consolidaram não apenas como um dos cientistas mais influentes da história, mas também como uma personalidade de renome global, simbolizando o gênio e a inovação científica (Isaacson, 2007).

De maneira semelhante, a descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick, em 1953, também foi influenciada pela “fofoca científica”. Antes da descoberta, muitos pesquisadores estavam em uma corrida para decifrar a composição do DNA. Watson e Crick se beneficiaram de informações e *insights* obtidos de colegas, incluindo as famosas imagens de difração de raios-x feitas por Rosalind Franklin. Embora controversas, essas discussões informais e o compartilhamento de dados não publicados foram fundamentais para que Watson e Crick construíssem seu modelo de dupla hélice. Assim, a troca de informações não oficial entre os pesquisadores acelerou a descoberta e permitiu que a estrutura do DNA fosse identificada, marcando um dos maiores avanços da biologia moderna (Watson, 2002).

Esse processo de troca informal de informações, embora eficaz, levantou questões éticas e mostrou a importância das interações não oficiais no avanço científico. Watson e Crick não apenas utilizaram as imagens de Franklin, mas também se beneficiaram de comentários e especulações sobre os trabalhos de outros grupos de pesquisa. Essas discussões, que aconteciam em conferências e encontros casuais, tornaram-se uma ferramenta fundamental para que eles corrigissem suas abordagens e aperfeiçoassem suas hipóteses sobre a estrutura do DNA. Esse fluxo de informações, mesmo sem passar pelos canais formais de revisão e publicação, era uma parte essencial do ambiente acadêmico competitivo e acelerou significativamente o processo de descoberta (Watson, 2002).

Além disso, a tensão entre os grupos de pesquisa e a disputa por reconhecimento científico intensificaram a relevância da “fofoca científica”. A rivalidade entre Watson, Crick, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin exemplifica como essas trocas informais de informações não apenas contribuíram para o avanço da pesquisa, mas também fomentaram um ambiente de competitividade e apropriação de dados. A história da descoberta do DNA ilustra como, muitas vezes, a ciência é movida por essas interações informais, nas quais o compartilhamento de

informações “não oficiais” desempenha um papel crucial tanto na colaboração quanto na competição entre os cientistas (Watson, 2002).

Esses exemplos mostram como a “fofoca acadêmica”, ou o compartilhamento informal de informações, foi vital tanto para a Teoria da Relatividade de Einstein quanto para a descoberta da estrutura do DNA. Essas trocas de ideias, que ocorreram fora dos canais formais de publicação, desempenharam um papel fundamental na validação e disseminação das teorias, demonstrando como a comunicação informal pode impulsionar o progresso científico. No entanto, esse processo, apesar de produtivo, revela uma dinâmica complexa entre colaboração e competição, em que os limites entre a troca de conhecimento e a apropriação de ideias nem sempre são claros (Watson, 2002; Isaacson, 2007; Wellman; Lind, 2021).

Apesar de a fofoca científica ter contribuído para a aceleração de grandes descobertas, ela também apresenta riscos significativos, especialmente no contexto da propriedade intelectual. Em muitos casos, a corrida pela descoberta é uma competição acirrada em que o segredo pode ser essencial para garantir direitos de patente e reconhecimento. A troca informal de informações, embora benéfica para a inovação, pode levar à apropriação indevida de dados ou ideias, comprometendo o crédito de um pesquisador ou grupo. No caso da descoberta do DNA, por exemplo, a apropriação das imagens de Rosalind Franklin sem o seu conhecimento levanta questões éticas sobre como o compartilhamento não autorizado de dados pode prejudicar tanto a integridade científica quanto a justiça no reconhecimento de contribuições individuais. Assim, a fofoca, ao mesmo tempo que impulsiona o avanço científico, também expõe os pesquisadores a competições desleais e à perda de controle sobre suas próprias descobertas, destacando a linha tênue entre cooperação e conflito no mundo acadêmico.

Como pontuado anteriormente, Harari (2017) destaca que a fofoca foi essencial para a coesão social dos *Homo sapiens*, permitindo que formassem grupos maiores e mais eficazes. Essa ideia se aplica ao contexto científico, onde a troca informal de informações entre cientistas acelera a disseminação e validação de ideias, impulsionando o progresso. Elias (1994) vê a fofoca como um meio de controle social, refletido na ciência pela regulação da conduta acadêmica e pela garantia da integridade nas pesquisas. Gaglietti (2019), do mesmo modo, percebe a fofoca como uma ferramenta evolutiva essencial para a organização social, aplicável à estruturação e orientação do conhecimento acadêmico por meio dessas trocas informais. Assim, a fofoca, longe de ser apenas negativa, desempenha um papel fundamental tanto na evolução social quanto no avanço científico (Elias, 1994; Harari, 2017; Gaglietti, 2019).

Da mesma forma que a fofoca foi essencial na disseminação e validação de grandes descobertas científicas, ela também pode desempenhar um papel importante na promoção de

práticas sustentáveis dentro das comunidades. Tendo como exemplo as ideias científicas que ganharam força por meio de conversas informais, a sustentabilidade pode se espalhar e influenciar comportamentos, moldando uma cultura de responsabilidade ambiental.

4. Fofoca e sustentabilidade social

A conexão entre sustentabilidade e fofoca pode ser observada na maneira como as informações sobre práticas sustentáveis se disseminam e influenciam comportamentos sociais. Assim como na disseminação de ideias na ciência e na sociedade, a fofoca pode servir como um veículo poderoso para promover a conscientização ambiental e incentivar a adoção de comportamentos sustentáveis. Quando pessoas discutem informalmente sobre os impactos ambientais de determinados produtos ou práticas, elas não só espalham informações, mas também moldam as atitudes e decisões de consumo de seus círculos sociais.

Essa troca de informações, mesmo que em tom de fofoca, pode atuar como um mecanismo de controle social, pressionando indivíduos e empresas a adotarem práticas mais responsáveis. A reputação de uma marca pode ser afetada por comentários informais sobre seus procedimentos ecológicos, incentivando-a a adotar métodos mais sustentáveis para manter uma imagem positiva. Da mesma forma, consumidores podem ser motivados a fazer escolhas mais ecológicas ao ouvirem de amigos ou familiares sobre os benefícios de produtos sustentáveis, ou mesmo ao saber que determinada prática é bem-vista socialmente.

A fofoca, ao disseminar informações sobre sustentabilidade, desempenha um papel similar ao da evolução científica. Ela auxilia na regulação de comportamentos e incentiva mudanças sociais para um futuro mais sustentável. Portanto, a fofoca, embora frequentemente percebida de maneira negativa, pode ser crucial para promover a sustentabilidade, afetando como as pessoas se relacionam com o meio ambiente e a sociedade.

Imagine que, em uma pequena comunidade, um grupo de amigos esteja conversando sobre os hábitos de reciclagem dos vizinhos. Alguém comenta: “Você sabia que a família da casa verde separa todo o lixo reciclável e até começou a compostar restos de alimentos? Eles estão economizando bastante e ajudando o meio ambiente. A dona Maria até disse que as plantas dela nunca estiveram tão bonitas com o adubo que ela faz em casa”. Essa fofoca pode incentivar outros membros da comunidade a adotar práticas semelhantes. Isso acontece tanto pela pressão social para ser um bom vizinho quanto pela vontade de experimentar os benefícios mencionados. Além disso, o comentário pode levar outras famílias a se informarem mais sobre compostagem e reciclagem, contribuindo para um aumento geral de comportamentos sustentáveis na comunidade.

Outro exemplo é a discussão sobre o uso de sacolas reutilizáveis. Em uma conversa casual, alguém poderia relatar: “Ouvi dizer que o supermercado do bairro está dando descontos para quem leva suas próprias sacolas. A Ana já começou a fazer isso, e além de economizar, ela evita o uso de plásticos”. Essa fofoca pode estimular outras pessoas a adotarem o uso de sacolas reutilizáveis, tanto pelo benefício financeiro quanto pelo impacto ambiental positivo. Esses exemplos ilustram como a fofoca pode funcionar como um poderoso meio de disseminação de comportamentos sustentáveis, influenciando atitudes e promovendo práticas que beneficiam o meio ambiente.

Além disto, a presença das redes sociais como um espaço de “fofoca contemporânea” tem amplificado a disseminação de informações, atingindo grandes audiências em tempo recorde. A eficácia dessa fofoca digital reside em dois fatores principais: a capacidade de espalhar rapidamente uma informação para um grande número de pessoas e a segmentação seletiva das mensagens. Quando influenciadores digitais comentam sobre questões sociais, ambientais ou de consumo, sua audiência massiva absorve rapidamente o conteúdo, moldando percepções e comportamentos. Além disso, o fenômeno das *fake news* demonstra como informações distorcidas podem circular de maneira estratégica para influenciar de forma direcionada grupos específicos. Nesse sentido, a fofoca contemporânea digital, com suas plataformas e dinâmicas, desempenha um papel ainda mais potente e, muitas vezes, complexo em influenciar comportamentos, especialmente no que se refere a temas como sustentabilidade e responsabilidade social.

Com essa estrutura, as redes sociais não apenas funcionam como plataformas de interação, mas também como espaços que moldam opiniões públicas e pressionam empresas e indivíduos a adotar comportamentos.

5. A conexão entre fofoca e degradação ambiental

Embora a fofoca possa, em algumas situações, promover comportamentos sustentáveis, ela também pode intensificar a degradação ambiental. Quando informações distorcidas ou falsas sobre práticas ambientais circulam, elas podem levar a ações nocivas ou à complacência diante da destruição do meio ambiente. Por exemplo, rumores infundados sobre a eficácia de um produto ecológico podem desencorajar seu uso, enquanto fofocas que minimizam os efeitos de práticas poluentes podem reforçar comportamentos prejudiciais.

A disseminação de informações errôneas sobre questões ambientais pode criar uma falsa sensação de segurança, fazendo com que as pessoas subestimem a gravidade de problemas como poluição, desmatamento ou mudanças climáticas. Se as fofocas sugerem que “todo

mundo está fazendo” algo prejudicial, como o descarte inadequado de lixo ou o uso excessivo de recursos naturais, esses comportamentos podem se normalizar, perpetuando ciclos de degradação ambiental.

Além disso, quando fofocas são usadas para desacreditar movimentos ou políticas ambientais, elas podem enfraquecer os esforços de proteção ao meio ambiente. Comentários depreciativos sobre ativistas ambientais podem gerar resistência a mudanças necessárias. Distorções sobre os custos e benefícios de práticas sustentáveis dificultam a implementação de soluções que poderiam mitigar o impacto humano na natureza.

No contexto do racismo ambiental, a fofoca assume um papel ainda mais prejudicial. Rumores que desconsideram as preocupações das comunidades marginalizadas, ou que negam os impactos desproporcionais que essas populações sofrem devido à degradação ambiental, perpetuam injustiças. Por exemplo, boatos que minimizam a seriedade de desastres ambientais em áreas predominantemente ocupadas por pessoas vulneráveis, como as tragédias em Mariana e Brumadinho, podem desviar a atenção da necessidade urgente de justiça ambiental. Esses rumores podem resultar em falta de mobilização social para defender essas comunidades, agravando sua vulnerabilidade (Wanderley, 2015).

Rumores de que o desmatamento na Amazônia não é tão grave quanto os relatórios científicos indicam, com supostas “fontes” alegando que o governo está exagerando a situação para atrair atenção internacional ou financiamento externo, exemplificam como a fofoca pode gerar complacência ou resistência a medidas de proteção. No caso do governo Bolsonaro, o próprio presidente, em suas *lives* semanais das quintas-feiras, disseminava frequentemente informações questionáveis e rumores, minimizando a gravidade do desmatamento na Amazônia ou sugerindo que os relatórios ambientais eram exagerados. Ao usar o mecanismo da fofoca e da desinformação a partir de uma posição de poder, Bolsonaro reforçava comportamentos prejudiciais, tornando a proteção ambiental um desafio ainda maior (Greenpeace Brasil, 2022).

As fofocas sobre políticas ecológicas durante o governo anterior ilustram como a disseminação de informações falsas ou distorcidas pode agravar a degradação da natureza.⁵ Comentários infundados que minimizam a gravidade do desmatamento na Amazônia ou sugerem que as ações governamentais estão sendo exageradas para atrair atenção internacional podem desestimular a mobilização necessária para proteger o meio ambiente. Essa

⁵ Esta afirmação baseia-se em artigos e reportagens sobre a gestão ambiental no Brasil durante o governo Bolsonaro, em que análises de grupos ambientalistas, como o Greenpeace, indicam que a desinformação sobre a gravidade do desmatamento e outras crises ecológicas contribuiu para a inação e complacência em questões ambientais (Greenpeace Brasil, 2022; Bocuhy, 2022).

desinformação reforça comportamentos prejudiciais e dificulta a implementação de políticas eficazes, perpetuando tanto a degradação ambiental quanto as desigualdades sociais (Bocuhy, 2022).

Assim, a fofoca pode tanto promover quanto prejudicar os esforços ambientais, dependendo de como as informações são compartilhadas e percebidas. Vinculada ao racismo ecológico, a fofoca desinforma e fortalece estruturas de poder. Isso mantém grupos vulneráveis em desvantagem, agravando a degradação ambiental e as desigualdades sociais. Logo, a circulação de histórias e rumores em uma comunidade pode influenciar significativamente a interação das pessoas com o meio ambiente, seja positiva ou negativamente.

Ao mesmo tempo, a fofoca pode ter efeitos positivos no contexto da sustentabilidade. A disseminação de boas práticas, como reciclagem ou consumo consciente, através de rumores informais, pode ser uma ferramenta poderosa para incentivar comportamentos ecológicos. Quando pessoas compartilham informalmente informações sobre práticas sustentáveis, isso pode motivar outras pessoas a adotarem comportamentos semelhantes. Yuval Noah Harari (2017) destaca que a capacidade dos *Homo sapiens* de compartilhar informações sociais foi crucial para a coesão e evolução das comunidades, o que também se aplica à promoção de práticas ecológicas hoje. Norbert Elias (1994) complementa essa visão, observando que a fofoca pode atuar como um mecanismo de controle social, reforçando normas comunitárias, incluindo aquelas voltadas para a sustentabilidade.

A fofoca também pode mobilizar grupos em torno de causas ambientais. Quando rumores sobre a gravidade de uma crise ambiental circulam, eles podem motivar a ação coletiva, seja através de protestos, campanhas de conscientização ou esforços de conservação. Mauro Gaglietti (2019) argumenta que a fofoca desempenha um papel evolutivo na organização comunitária, facilitando a ação conjunta em resposta a ameaças. Essa perspectiva é reforçada por Wellington (2021), que sugere que a fofoca pode gerar um senso de urgência necessário para a ação ambiental.

Por outro lado, os efeitos negativos da fofoca, como a propagação de desinformação e a complacência, podem gerar inação frente a crises ambientais. A complacência ocorre quando fofocas minimizam a gravidade de problemas ambientais, como o desmatamento ou a poluição, criando uma falsa sensação de segurança. A desinformação sobre o desmatamento na Amazônia, por exemplo, tem sido utilizada para minar esforços de conservação (Greenpeace Brasil, 2022), perpetuando tanto a degradação ambiental quanto as desigualdades sociais (Bocuhy, 2022).

A fofoca, embora frequentemente subestimada, tem um papel dual no contexto da sustentabilidade. Ela pode tanto promover práticas ecológicas como perpetuar comportamentos prejudiciais ao meio ambiente. A chave para maximizar seus efeitos positivos e minimizar os negativos reside na forma como as informações são compartilhadas e na conscientização sobre a importância de disseminar fatos precisos e construtivos (Elias, 1994; Harari, 2017; Gaglietti, 2019).

Outrossim, as redes sociais emergem como um espaço contemporâneo onde a fofoca, em forma de rumores, boatos e informações distorcidas, se propaga com ainda mais eficácia. A capacidade dessas plataformas de disseminar rapidamente uma informação para milhões de pessoas amplia o impacto negativo que a desinformação pode ter sobre o meio ambiente. Comentários de influenciadores digitais, muitas vezes com grandes audiências, podem reforçar narrativas enganosas, minimizando problemas ambientais ou desacreditando movimentos e políticas ambientais. Adicionalmente, o envio seletivo de informações, como acontece com as *fake news*, direciona desinformações a grupos específicos, moldando suas percepções de forma prejudicial. Esses processos exacerbam a resistência a mudanças necessárias para a proteção do meio ambiente, agravando ainda mais a degradação ambiental. Assim, as redes sociais não apenas amplificam a fofoca contemporânea, mas também complicam os esforços para mitigar os danos ambientais por meio da perpetuação de narrativas enganosas.

6. Fofoca do bem: propostas para promover a sustentabilidade

A fofoca, frequentemente subestimada, pode ser uma ferramenta poderosa para influenciar a adoção de práticas sustentáveis e a formulação de políticas públicas ambientais. Quando usada estrategicamente, ela pode gerar pressão social, mobilizar grupos de interesse e expor falhas nos sistemas existentes, promovendo mudanças positivas tanto no setor público quanto no privado.

Conforme sugerem Harari (2017) e Gaglietti (2019), a fofoca é uma força evolutiva e social significativa, com o potencial de moldar comportamentos e políticas em prol da sustentabilidade. Para formalizar seu uso estratégico, é essencial adotar um procedimento eficaz que abranja quatro categorias principais: Pessoas, Abordagens táticas, Processos operacionais e Fontes de informações e valores. Essas categorias formam uma metodologia integrada, em que a escolha de indivíduos influentes (Pessoas), a definição de estratégias eficazes de disseminação (Abordagens táticas), a implementação de canais de comunicação (Processos operacionais) e o fornecimento de dados confiáveis (Fontes de informações e valores) trabalham juntos para maximizar o impacto positivo da fofoca. Essa abordagem coordenada

garante que as informações circulem amplamente e promovam comportamentos sustentáveis de maneira eficaz e consistente.

A escolha e o acompanhamento de agentes estratégicos da comunidade são essenciais para a disseminação de informações corretas e construtivas. Esses “agentes fofoqueiros” atuam como influenciadores dentro de grupos, disseminando práticas sustentáveis. Identificar líderes informais, como figuras respeitadas ou populares em redes sociais e comunidades locais, é fundamental para garantir que as mensagens de sustentabilidade atinjam um público amplo e sejam levadas a sério.

Pessoas que podem exercer o papel de “agentes fofoqueiros” incluem líderes comunitários, como professores, comerciantes locais, religiosos e membros de associações de bairro. Esses indivíduos, já respeitados e influentes em suas comunidades, podem disseminar informações de forma orgânica. Além disso, influenciadores digitais e formadores de opinião nas redes sociais, especialmente aqueles envolvidos em causas ambientais, desempenham um papel crucial, com a capacidade de mobilizar e convencer seus seguidores. Jornalistas locais, ativistas ambientais e funcionários públicos também são agentes-chave, capazes de difundir informações corretas e estimular comportamentos ecológicos.

Para garantir a eficácia da fofoca positiva, é essencial utilizar instrumentos de disseminação amplamente acessíveis, como escolas, cultos religiosos, redes sociais e espaços de lazer. Ao criar narrativas envolventes e que enalteçam os benefícios reais dos comportamentos sustentáveis, a fofoca pode se transformar em uma ferramenta poderosa de pressão social positiva. Compartilhar histórias de sucesso, como famílias que economizam dinheiro ou melhoram sua qualidade de vida ao adotar práticas como reciclagem ou uso de energia renovável, gera um ciclo virtuoso que estimula outras pessoas a imitarem esses comportamentos.

A fofoca pode ser amplificada através de encontros em espaços comunitários, redes sociais e até reuniões familiares. As mídias sociais, em particular, são poderosas para disseminar pequenos boatos benignos sobre comportamentos sustentáveis, como reciclagem, economia de energia e consumo consciente. Em vez de campanhas formais, essas fofocas sutis podem influenciar de maneira mais eficaz, criando uma conexão pessoal e informal que ressoa com o público. Essa comunicação, com seu potencial viral, pode moldar comportamentos tanto em escala comunitária quanto global.

Para garantir que as fofocas tenham um impacto positivo, é crucial que os “fofoqueiros” recebam informações precisas e baseadas em dados confiáveis. Modelos de extensão rural usados nas décadas de 1970 e 1980, quando agentes comunitários levavam

conhecimento técnico sobre agricultura a regiões rurais, podem servir de inspiração. Da mesma forma, facilitadores e treinamentos direcionados devem ser implementados para garantir que as informações disseminadas sejam verídicas e eficazes. Esses agentes estratégicos devem ser treinados para compartilhar dados sobre práticas sustentáveis, assegurando que as fofocas reforcem comportamentos positivos e estejam fundamentadas em evidências sólidas, amplificando o impacto social e ambiental de maneira consistente.

Além disso, em áreas rurais, onde as comunidades tendem a ser menores e mais interconectadas, a fofoca pode atuar como um meio direto de pressão social. A reputação pessoal e comunitária é altamente valorizada, e histórias sobre a eficácia de práticas agrícolas sustentáveis, como a conservação de água ou a rotação de culturas, podem gerar uma adoção generalizada. A fofoca funciona como uma validação social, incentivando os agricultores a adotarem novas práticas para não serem vistos como resistentes à inovação. Elias (1994) destaca que a fofoca, como mecanismo de controle social, é particularmente eficaz em redes sociais mais fechadas e interdependentes.

No ambiente empresarial, a fofoca também pode influenciar a adoção de políticas sustentáveis. Quando especulações sobre práticas sustentáveis adotadas por negócios rivais começam a se espalhar, outras empresas podem se sentir pressionadas a seguir o mesmo caminho para manter uma boa reputação e competitividade. Isso pode levar à criação de novas políticas corporativas focadas na sustentabilidade, à medida que as empresas buscam atender às expectativas crescentes dos consumidores e *stakeholders*. Gaglietti (2019) sugere que a fofoca pode ser usada para regular comportamentos dentro de grupos, inclusive em corporações, onde a competição e a imagem pública são fatores motivadores significativos.

A fofoca também pode mobilizar grupos de interesse, como ONGs, comunidades locais e ativistas ambientais. Em contextos urbanos, onde a comunicação digital facilita a disseminação rápida de informações, a fofoca pode galvanizar apoio para campanhas ambientais. Rumores sobre a ineficácia de políticas governamentais contra a poluição, por exemplo, podem rapidamente mobilizar ativistas e gerar pressão sobre os legisladores para revisar as políticas públicas. Nesse sentido, Harari (2017) argumenta que a fofoca é um catalisador poderoso para a mobilização social, criando o senso de urgência necessário para a ação coletiva.

Por fim, a fofoca pode ser usada para expor falhas e irregularidades na aplicação de leis ambientais ou na atuação de órgãos governamentais. Em áreas urbanas, rumores sobre corrupção ou negligência ambiental podem ganhar visibilidade através da mídia e do ativismo, enquanto em regiões rurais, a fofoca pode pressionar diretamente os líderes locais. Em ambos

os contextos, a fofoca serve como um mecanismo de vigilância social, em que a exposição de irregularidades é o primeiro passo para a mudança.

Esses exemplos mostram como a fofoca, quando direcionada estrategicamente, pode ser uma forte aliada para promover a sustentabilidade e influenciar políticas ambientais públicas. Ela não apenas modela comportamentos e gera mudanças, mas também auxilia na criação de uma cultura de responsabilidade ecológica. Em diferentes ambientes – urbanos, rurais ou corporativos – o boato pode incentivar práticas sustentáveis, mobilizar grupos de interesse e influenciar a criação de legislação para proteger o meio ambiente. Conforme argumentam Harari (2017), Elias (1994) e Gaglietti (2019), a fofoca tem o poder de promover transformações positivas em direção à sustentabilidade.

7. Considerações finais

Este estudo investigou a função da fofoca como uma ferramenta evolutiva e seu impacto no comportamento humano, na sustentabilidade e na degradação ambiental. Os principais achados indicam que a fofoca desempenhou um papel crucial na coesão social dos *Homo sapiens*, facilitando a construção de laços e a cooperação dentro dos grupos. No contexto moderno, a fofoca pode promover práticas sustentáveis, mobilizando comunidades e influenciando políticas públicas. No entanto, também pode perpetuar comportamentos prejudiciais, como a disseminação de desinformação que contribui para a degradação ambiental. Esses resultados confirmam a hipótese de que a fofoca tem um papel dual, podendo ser tanto benéfica quanto prejudicial, dependendo de como é direcionada.

Este estudo revelou a relevância da fofoca na compreensão das dinâmicas sociais e ambientais. Vista como trivial ou negativa, a fofoca tem implicações profundas na evolução e no comportamento das sociedades atuais. A pesquisa expande o entendimento da função evolutiva da fofoca, associando-a ao desenvolvimento de estruturas sociais complexas e à cooperação entre os *Homo sapiens*. As implicações são significativas, indicando que a fofoca pode ser uma ferramenta estratégica, pois podem promover a sustentabilidade, influenciar políticas públicas e mobilizar comunidades para causas ambientais; ao mesmo tempo, o estudo alerta para os perigos da desinformação propagada pela fofoca, que pode perpetuar comportamentos nocivos ao meio ambiente.

Os resultados do estudo indicam que a fofoca foi essencial na coesão social dos *Homo sapiens*, permitindo a formação de grandes grupos cooperativos fundamentais para a sobrevivência e sucesso da espécie. Além disso, a fofoca pode ser uma força positiva para a promoção de práticas sustentáveis, mobilizando comunidades e influenciando a criação de

políticas ambientais eficazes. Por outro lado, a fofoca também pode ter um impacto negativo, especialmente quando associada à disseminação de desinformação, levando à complacência e perpetuando a degradação ambiental. Por fim, os resultados sugerem que a fofoca pode ser estrategicamente utilizada para moldar comportamentos em prol da sustentabilidade, mas também requer cautela para evitar que se torne um vetor de desinformação prejudicial.

Esses resultados trazem uma nova perspectiva sobre o papel da fofoca na sociedade. Eles sugerem que a fofoca, ao invés de ser ignorada ou minimizada, deve ser estudada. Potencialmente, pode ser aproveitada para promover mudanças sociais e ambientais positivas.

Referências

BOCUHY, Carlos. O fracasso ambiental do governo de Jair Bolsonaro. Online, **((o))eco**. Publicado em: 27 out. 2022. Disponível em: <https://oeco.org.br/colunas/o-fracasso-ambiental-do-governo-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1996.

CAMPELLO, André Barreto. **Fofocas da antiguidade**. 1. ed. Jundiaí: Paco e Littera, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 ago. 2024.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norberto. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GAJLIETTI, Mauro. O DNA da fofoca. Online. **Caos filosófico**. Publicado em: 29 set. 2019. Disponível em: <https://caosfilosofico.com/2019/09/29/sapiens-e-o-dna-da-fofoca-parte-1/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GREENPEACE BRASIL. A verdade sobre a Amazônia sob o governo Bolsonaro. Online. **Blog Greenpeace**. Publicado em: 28 out. 2022. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/amazonia-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 29a ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

ISAACSON, Walter. **Einstein: sua vida, seu universo**. Tradução de Celso Nogueira, Fernanda Ravagnani, Isa Mara Lando e Denise Pessoa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. ISBN 978-85-359-1128-2.

MORENO, Bruno S.; RODRIGUES, Maria B.; MORAIS, Maria M. N de; *et al.* **Processos psicológicos básicos**. Porto Alegre: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786556903248. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556903248/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SIMMEL, G. **On individuality and social forms (selected writings)**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

WANDERLEY, Luiz Jardim de Moraes. **Indícios de racismo ambiental na tragédia de Mariana [recurso eletrônico]: resultados preliminares e nota técnica: relatório preliminar**. Rio de Janeiro: PoEMAS, 2015. 1 recurso online (4 p.). Disponível em: <https://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Wanderley-2015-Ind%c3%adcios-de-Racismo-Ambiental-na-Trag%c3%a9dia-de-Mariana.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

WATSON, James D. **A dupla hélice: como descobri a estrutura do DNA**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WELLMAN, Henry M.; LIND, Karen. **Decifrando mentes: como a infância pode nos ensinar a entender as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2021. E-book. ISBN 9786555204094. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555204094/>. Acesso em: 28 ago. 2024.